

**O ASPECTO DESESTRUTURANTE DA PANDEMIA NA
RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS: DO INDIVIDUAL AO
COLETIVO**

**THE DESTRUCTURING ASPECT OF THE PANDEMIC IN THE
RECONFIGURATION OF SPACES: FROM INDIVIDUAL TO
COLLECTIVE**

Simã Catarina de Lima Pinto¹

Recebido em: 06/2020
Aprovado em: 11/2020

Resumo: Trata-se de um ensaio que apresenta o espaço público e o espaço privado a partir da reconfiguração imposta pela pandemia. Considera-se que a tecnologia da informação foi inevitavelmente intensificada a fim de enfrentar a pandemia e permitir a continuidade da vida sem maiores prejuízos no cotidiano. Se antes as sociotecnologias se pautavam na mobilidade física e nas tecnologias da informação e da comunicação para as atividades do cotidiano, as restrições de uso do espaço público tornaram essas últimas tecnologias o principal meio de enfrentamento seguro contra o avanço do vírus SARS-CoV-2. Com isso a delimitação entre o espaço público e o espaço privado é posta em questão, o que permite também a problematização da relação entre o individual e o coletivo com base em conceitos biopolíticos, os quais são redimensionados pelo novo contexto que se impõe.

Palavras-chave: Pandemia; Reconfiguração de espaços; Conceitos biopolíticos.

Abstract: The essay presents the public and private space from the reconfiguration imposed by the pandemic. It is considered that the information technology was inevitably intensified in order to face the pandemic and allow the continuation of life without major damages to the daily life. If before sociotechnologies were based on physical mobility and information technology for daily activities, restrictions on the use of public space have made information technology the main means of safe confrontation against the spread of the SARS-CoV-2 virus. With this, the delimitation between public and private space is questioned, which also allows the problematization of the relationship between the individual and the collective based on biopolitical concepts, which are resized by the new context that is imposed.

Keywords: Pandemic; Reconfiguration of spaces; Biopolitical concepts.

¹ Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Ética e Filosofia Política.

Introdução

A pandemia causada pela Covid-19 impôs um modo de vida distinto e inédito no cenário contemporâneo e fez com que a alta capacidade de mobilidade no espaço público fosse restringida, direcionando a humanidade à necessidade de intensificar não mais a mobilidade física, mas a mobilidade trazida pelas tecnologias da informação e da comunicação no espaço privado.

Com base nisso, este ensaio apresenta reflexões a respeito de como o espaço privado e o espaço público são reconfigurados a fim de controlar a pandemia e proteger a humanidade do risco de morte. Ao se compreender esses espaços reconfigurados, verifica-se que deles decorrem desdobramentos de conceitos biopolíticos como *communitas* e *immunitas* de Roberto Esposito, que, aqui, são associados a conceitos foucaultianos como a técnica disciplinar, a tecnologia biopolítica e ao *cuidado de si*.

Esses conceitos biopolíticos, bem como o *cuidado de si*, neste texto, são considerados como desdobramentos da reconfiguração do espaço público e do espaço privado, uma vez que em ambos pode-se encontrar a tradicional dicotomia entre o individual e o coletivo, a qual, no contexto da pandemia, pode ser repensada a fim de se chegar a uma urgente e necessária compreensão atualizada de certas oposições e distinções presentes nesses conceitos.

Por se tratar de um ensaio, o texto propõe relacionar a reconfiguração do espaço público e do espaço privado com o redimensionamento de conceitos biopolíticos por se entender que o contexto da pandemia permite tratá-los como desdobramentos do referidos espaços. Considera-se a possibilidade dessa relação em razão da dicotomia e oposição, respectivamente, que existem entre o espaço público e o espaço privado e entre os conceitos biopolíticos de *communitas* e *immunitas* em Esposito. Além disso, o formato de ensaio permite explorar com maior fluidez termos foucaultianos, inserindo-os aos conceitos de Esposito, embora o pensamento filosófico deste tenha sido elaborado em oposição ao primeiro.

A reconfiguração do espaço público e do espaço privado pela pandemia

A mobilidade física e as tecnologias da informação e da comunicação constituem duas sociotecnologias inerentes à contemporaneidade, na medida em que aceleram e dinamizam o ritmo da vida, a circulação das pessoas e a velocidade dos acontecimentos. Desde o início da

pandemia da Covid-19, entretanto, a mobilidade física e as referidas tecnologias foram redefinidas em razão de sua relevância para a humanidade no enfrentamento da pandemia. Diante disso, a cessação ou a considerável diminuição do uso de automóveis e de outros meios de transporte, paralelamente à intensificação do uso contínuo de ferramentas das tecnologias da informação e da comunicação no espaço privado, alteraram substancialmente a formatação desse espaço, aumentando sua dimensão, porquanto o uso do espaço público físico foi minimizado.

Zygmunt Bauman (2009) observa que um espaço é público por permitir o acesso de homens e mulheres sem que haja alguma seleção para estarem ali, já que não há exigência de passe e nem registros de entradas e saídas. Não obstante, a mobilidade contemporânea faz com que a delimitação do espaço público e do espaço privado seja embaçada, como colocaram Mimi Sheller e John Urry (2003), uma vez que os deslocamentos permitem uma mobilidade dinâmica entre um espaço e outro. No que se refere ao contexto da pandemia, esses espaços se tornam bem delimitados do ponto de vista físico, já que o espaço público, agora, passa a ser o espaço onde se eventualmente se transita de modo muito breve e cauteloso a fim de se evitar o alastramento do vírus SARS-CoV-2. Ao mesmo tempo, o espaço privado, a despeito da adoção dos inúmeros protocolos de segurança em relação à higiene e limpeza dentro do espaço doméstico, torna-se o espaço onde a proteção e a sensação de segurança em relação ao risco de contágio são sentidos de modo mais evidentes, fazendo dele o local da proteção e do conforto em meio à pandemia que ameaça a humanidade.

Quanto à delimitação de ambos os espaços do ponto de vista não físico, já que as tecnologias da informação e da comunicação permitem a “presença” dos indivíduos no espaço público, sem que se saia do espaço privado, ocorre aí uma fluidez extremada, porquanto estar no espaço público implica a presença simultânea no espaço privado. Há, com isso, o que Mimi Sheller e John Urry chamaram de uma fluidez que é simultaneamente pública e privada. A pandemia da Covid-19 acelera e enfatiza o desfazimento de limites bem definidos de um arraigado arranjo social no qual os corpos sempre estiveram em locais determinadamente privados ou públicos do mesmo modo que as informações sempre estiveram num determinado espaço que também podia se distinguir como privado ou público (SHELLER, URRY, 2003). Se antes da pandemia a delimitação entre ambos os espaços já era vista, muitas vezes, como uma zona cinzenta, no atual contexto, ocorre uma transferência súbita de situações nas quais essa delimitação perde o sentido. Nesse aspecto, Boaventura de Sousa Santos (2020, n. p.) observou que “os modos de viver dominantes (trabalho, consumo, lazer, convivência) (...) são

relativamente rígidos”. O autor afirma que, embora as mudanças no curso da história aconteçam de forma paulatina e quase sempre despercebidas em razão de irem acompanhando as alterações gradativas no modo de viver, “a irrupção de uma pandemia não se compagina com esta morosidade. Exige mudanças drásticas” (SANTOS, 2020, n. p.).

Vilem Flusser (2014) já havia observado que o espaço virtual não pode ser caracterizado como um espaço no qual se está fora ou dentro. A configuração trazida pela pandemia, no entanto, não se restringe ao espaço virtual, posto que este conota uma ideia de um espaço definido e também delimitado a partir de determinadas características, assim como ocorria com o espaço público e o espaço privado tradicionalmente compreendidos. De um modo diferente, a pandemia impõe o uso intensivo do espaço virtual de modo a, de fato, reconfigurar os espaços, o que provoca o estreitamento das fronteiras físicas e não físicas antes existentes. A conectividade em rede faz com que não seja mais possível identificar o que está fora ou dentro do espaço virtual, pois a vida acontece no intermédio constante entre o espaço físico e o virtual. Conforme apontou Flusser, não há mais sentido na identificação do que seja o público e o privado no espaço virtual, uma vez que as estruturas das casas e edifícios estão transpassadas e perfuradas por cabeamentos, sob telhados que asseguram antenas e permitem a passagem do vento da comunicação. Isso permite dizer que assim como o privado se perde no público e vice-versa, o espaço virtual se entranha no corpo social de tal modo que dissociá-lo ou pretender distingui-lo da vida, como se esta estivesse além do espaço virtual, leva-nos a questionar o que seria o espaço contemporâneo no qual a vida pudesse acontecer dissociada do espaço virtual que lhe é intrínseco. Nesse mesmo sentido, Manuel Castells, já no atual cenário, ao observar a definitiva entrada em uma sociedade digital que já existia, mas que ainda não havia sido assumida, colocou que “nosso mundo é e será necessariamente híbrido, feito de realidade carnal e realidade virtual. É uma cultura da virtualidade real, porque essa virtualidade é uma dimensão fundamental da nossa realidade” (CASTELLS, n. p., 2020).

A nova realidade coloca o acesso às tecnologias da informação e da comunicação como pressuposto para o exercício da cidadania o qual passa a ocorrer no espaço privado e não necessariamente no espaço público físico. É importante colocar que não se trata de fazer uma ode à essa reconfiguração do espaço público e do espaço privado, trata-se menos ainda de colocá-la como o trunfo da humanidade para lidar com a pandemia, mas, antes, de promover uma reflexão acerca do contexto no qual ela se dá e permitir compreendê-la nitidamente.

O embotamento de um espaço no outro e a realização de todas as atividades da vida cotidiana no espaço privado podem levar a um individualismo extremo, certa aversão ao espaço

público físico e, neste ponto, é preciso afirmar sobre a necessidade de se manter atento aos reflexos disso nos indivíduos a fim de que eles não se adaptem demais à comodidade que o espaço privado lhes proporciona, sob o risco de perder o contato com a variedade do espaço público físico que, neste aspecto, diferencia-se consideravelmente do espaço público que ele experimenta por meio das tecnologias da informação e da comunicação. Existem diferenças na experiência com ambos os espaços públicos. A rua é, invariavelmente, o local da diferença, da experiência com o desconhecido, do estranho; ao passo que a vivência pública que se experimenta por conectividade em rede é marcada preponderantemente por bolhas algorítmicas e a especificidade e regularidade de redes e contatos. A vivência no *bios* midiático ou *quarto âmbito* existencial, termos trazidos por Sodré (2009), como um espelho midiático dizem respeito a uma nova forma de vida e não uma simples cópia, com um espaço de “interpelação coletiva dos indivíduos” e possibilita um “potencial de transformação da realidade vivida” (SODRÉ, 2009, p. 22-23), mas é também o local da escolha, do já conhecido, do familiar e, neste último ponto, o espaço público vivenciado por conectividade se sintoniza com a familiaridade e a comodidade do espaço físico privado.

Nesse sentido, Zigmunt Bauman (2009) se referiu à escolha da fuga de se conviver com as diferenças. Para ele, quanto maior é o tempo que se passa num ambiente uniforme, onde a superficial socialização é feita com outros “como nós” menor é o risco de haver mal-entendidos ou com o incômodo enfrentamento e a negociação de significados decorrentes do convívio. O sociólogo polonês, ao tratar das cidades como espaços em que pessoas estranhas permanecem e se movimentam em estreita proximidade umas das outras, como ele mesmo descreveu, observou também a desconcertante presença de estranhos, de modo que dividir o espaço com eles diz respeito a experimentar sua indesejada e incômoda proximidade. Trata-se de uma situação que é vivida nos espaços públicos da cidade e que caracteriza uma “mixofobia”, isto é, o medo de misturar-se, que causa uma reação segregacionista advinda da proximidade de variados tipos humanos e modos de vida que estão presentes no espaço urbano (BAUMAN, 2003, 2009) que, embora seja coletivo, permanece marcado por individualismos que se chocam e se estranham permanentemente. Em sentido próximo, “também a segregação, mais do que como uma restrição da liberdade pessoal, é entendida como eliminação da possibilidade de procriação, como uma forma de esterilização à distância” (ESPOSITO, 2010, p.189). Por essa razão, há de se compreender essa reconfiguração do espaço público e do espaço privado na pandemia com cautela, sob o risco de reforçar individualismos e personalidades daqueles indivíduos que se adaptaram às atividades da vida cotidiana feitas remotamente.

Redimensionando conceitos biopolíticos

Quanto mais o caráter da pessoalidade envolve os indivíduos, mais distantes da vivência coletiva eles estarão, na medida em que a impessoalidade absoluta, um certo anonimato subjetivo, como colocou Esposito (2009), com aquilo que é comum a todos e, portanto, impessoal, caracteriza a *communitas* a qual se refere à união de pessoas em comum objetivo e à sua reciprocidade umas em relação às outras. A pandemia, embora reconfigure o espaço público e o espaço privado e os coloque em uma zona cinzenta de delimitação por meio da tecnologia da informação que tem a capacidade de imbricar um espaço no outro, faz também com que seja possível preservar uma divisão entre os espaços quando pautados pelo aspecto comunitário de Esposito. Nele, o pessoal e o impessoal são bem definidos em termos de interesse coletivo. Pode-se dizer aqui que a *communitas* estaria para o espaço público assim como o paradigma imunitário – que é o oposto da *communitas* – estaria para o espaço privado, distinção esta que subsiste mesmo na pandemia da Covid-19.

Ao mesmo tempo, a pandemia pode também reconfigurar a aplicação dos paradigmas biopolíticos de Esposito, já que o distanciamento social e o confinamento dos indivíduos em suas residências por si só são capazes de abranger tanto o paradigma imunitário quanto a *communitas*. Enquanto o primeiro se mostra imprescindível para conter o avanço viral por se caracterizar pela proteção e segurança presentes no confinamento e distanciamento em relação à coletividade, em razão de esta não ser imune ao vírus, a segunda também se encontra no contexto do distanciamento social, já que este não somente protege o indivíduo celular, caracterizado por sua individualidade e pessoalidade, mas protege também, de forma impessoal, toda a coletividade.

A pandemia coloca dois paradigmas que são opostos presentes numa mesma situação, em razão de impor o risco individual e o coletivo. A proteção e segurança de uma pessoa está intrinsecamente relacionada à proteção e segurança de toda a coletividade de indivíduos. O paradigma imunitário de Esposito, marcado por uma proteção negativa da vida e por sua negação na tentativa de preservá-la, retirando-lhe sua potencialidade e força política é redimensionada pela pandemia e alcança as características até então próprias do paradigma comunitário. A imunidade é baseada na proteção negativa da vida que mantém o confinamento social pautado pelo medo e pela segurança. No entanto, ela alcança elementos da *communitas* ao permitir a proteção da vida da coletividade por meio da segurança. Se antes da pandemia a

proteção da vida era negativa, agora, ela passa a permitir a vida, reproduzindo-a. A *communitas* é compreendida por um afeto que obriga os indivíduos a um mútuo interesse que não os imunizam do aspecto obrigacional que está nesse sentir comunitário. Ambos os conceitos de Esposito partem como um contraponto à biopolítica foucaultiana no sentido de que em Foucault esta se constitui pela relação definida entre vida e política, enquanto em Esposito não há uma relação delimitada entre vida e política, mas um conjunto homogêneo que compõe seu paradigma imunitário, na medida em que este contém o positivo e o negativo sem que, no entanto, possam ser separados dado estarem imiscuídos.

Dito isso, é possível perceber que as medidas de segurança impostas pela pandemia aproximam a biopolítica de Esposito à biopolítica de Foucault, embora aquele se oponha a este. A presença simultânea da técnica disciplinar e da tecnologia biopolítica em Foucault, as quais estão presentes nas medidas de segurança que determinam o confinamento dos indivíduos, podem ser inseridas no conceito de *communitas* de Esposito. Essas medidas de segurança que são disciplinares e biopolíticas visam à contenção da pandemia e dizem respeito à coletividade, posto que “a pandemia instaura e pulveriza uma determinada formatação social que opera com base em medidas excepcionais disciplinares e biopolíticas conjuntamente a fim de conter um alto número de mortes” (PINTO, 2020, p. 52). Com base em Foucault (1999), percebe-se que as medidas de segurança evidenciam a adoção da técnica disciplinar que “produz efeitos individualizantes” e da tecnologia biopolítica que “agrupa os efeitos de massas próprios de uma população” (FOUCAULT, 1999, p. 297).

Uma vez que alguém infrinja uma das medidas de segurança pode colocar em risco não apenas sua vida, mas a vida da coletividade, motivo pelo qual há um intrínseco aspecto comunitário no cumprimento do isolamento social. Quanto mais ele é cumprido mais revela-se o grau de comprometimento recíproco entre os indivíduos, bem como o objetivo comum de conter a pandemia e preservar o maior número possível de vidas em uma determinada sociedade. A disciplina celular e individual anda de par com o controle biopolítico do corpo social nas medidas de isolamento contra o avanço da pandemia.

Ao mesmo tempo, no conceito de *communitas* encontra-se uma intrínseca reciprocidade que aqui se permite relacionar com os estudos éticos de Foucault no que se refere ao cuidado de si, posto que o cuidado dos outros pressupõe o cuidado de si mesmo. Note-se que a ocupação consigo mesmo na pandemia, compreendida sob a ética em Foucault, remete à ponderação e ao exame sistemático das próprias opiniões acerca do que significa respeitar as medidas de segurança individuais cujos efeitos são coletivos. A proteção de si mesmo no esforço de se

confinar e se adequar aos protocolos de segurança é necessariamente a proteção dos outros. Em Foucault (2004, p. 325), “o preceito ‘preocupar-se consigo mesmo’ era, para os gregos, um dos mais importantes princípios das cidades, uma das principais regras para as condutas sociais e individuais, e para a arte da vida” (FOUCAULT, 2004, p. 325). Nesse sentido, se o indivíduo teme os efeitos que o vírus pode ter sobre sua saúde e sua vida e por isso se confina, necessariamente, a coletividade também estará protegida: “o cuidado de si é que, por ele mesmo e a título de consequência, deve produzir, induzir as condutas pelas quais poderemos efetivamente cuidar dos outros” (FOUCAULT, 2006, p. 244).

Inserir-se, portanto, no conceito de *communitas* o seu contrário, isto é, o caráter individualizante e da proteção da vida os quais são próprios da *immunitas*. No entanto, a pandemia permite a compreensão de que o cuidado de si, que num primeiro momento pode ser visto como egoísta, seja efetiva e concretamente o vínculo que obriga a todos reciprocamente. Se a comunidade se caracteriza por um vínculo impessoal entre os indivíduos, o cuidado de si efetiva esse vínculo por permitir a proteção da vida da coletividade.

Conclusão

A pandemia da Covid-19, marcada pela intensificação do uso da tecnologia da comunicação, maximiza a hibridização dos espaços, sejam eles públicos ou privados, na medida em que a transferência para o espaço privado de muitas atividades antes realizadas em diversos espaços e a decorrente absorção do público no privado e vice-versa dificulta traçar limites entre eles.

Evidencia-se, por conseguinte, a capacidade desestruturante que a pandemia traz com ela, porquanto altera contextos sociais cuja interpretação é reconfigurada e redimensionada. A dimensão pública e privada da vida, bem como conceitos biopolíticos que sempre se opuseram por meio de dicotomias ou oposições bem delimitadas podem ser reinterpretados. A pandemia, ao acelerar processos sociais que já haviam sido iniciados, inaugura formas de pensar esses conceitos das Ciências Humanas e Sociais na contemporaneidade.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Ltda., 2007.

CASTELLS, Manuel. O digital é o novo normal. *Fronteiras do Pensamento*. 26 mai. 2020. Disponível em <https://www.fronteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal>. Acesso em 09 jun. 2020.

ESPOSITO, Roberto. *Bios: Biopolítica e Filosofia*. Lisboa: Edições 70, Lda., 2010.

_____. *Immunitas. Protección y negación de la vida*. 1ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

FLUSSER, Vilém. *Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum*. Martins Fontes: São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si, 1982. Trad. Andre Degenszajn, *Verve*, n. 6, p. 321-360, 2004.

PINTO, Simã Catarina de Lima. As tecnologias de poder no diagnóstico da pandemia da COVID-19. *Logeion: Filosofia da Informação*, v. 7, n. 1, p. 49-61, 13 set. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.21728/logeion.2020v7n1.p49-61>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Ed. Almedina, 2020.

SHELLER, Mimi; URRY, John. Mobile Transformations of 'Public' and 'Private' Life. In: *Theory Culture & Society*. 2003, vol. 20, 3, p. 107-125. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/249726026_Mobile_Transformations_of_Public_and_Private_Life.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes: Petrópolis, RJ, 2009.